

AS INOVAÇÕES NA GRÉCIA PRÉ-HISTÓRICA

Maria José Campos Rocha*

RESUMO: *A partir da revisão bibliográfica pertinente e do uso do método dedutivo, objetivou-se com este trabalho estudar as inovações técnicas ocorridas na Grécia Pré-Histórica. Verificou-se que essas inovações podem ser consideradas como um dos fatores constitutivos do itinerário percorrido no tempo pela própria Grécia e atentou-se para o entrecruzamento entre o processo de difusão e o processo da inovação intercorrentes nas interações socioculturais.*

Palavras-chave: Inovação; Difusão; Grécia; Tecnologia.

[...] As sociedades, sempre, foram muito mais remodeladas pela natureza dos meios através dos quais os homens se comunicam do que pelos conteúdos da comunicação [...]

M. McLuhan

E assim o professor canadense Marshall McLuhan celebra a atuação dos *media* como fator fulcral à constituição do processo histórico da humanidade. É na relação entre o título deste trabalho e a epígrafe que se instala toda a discussão subsequente.

A Pré-história grega partilha com a Pré-história europeia. Esta tem início em movimentos migratórios muito antigos. Considerando o elemento humano, a Pré-história grega tem começo, segundo Thomas R. Martin (1998, p. 21), “há dezenas de milhares de anos”.

Os primeiros seres que apareceram na região chamada hoje de Grécia devem ter sido movidos por migrações provocadas por mudanças climáticas.

Este trabalho não pretende um estudo, mesmo sintético, da Pré-história grega. O que este trabalho objetiva é, primeiro, dar proeminência às inovações, considerando-as como um dos fatores constitutivos do itinerário percorrido pelos povos, incluindo mesmo a constituição do modo de produção nas sociedades e da própria consciência humana; segundo, considerar que as diferentes formas do fazer, os múltiplos tratamentos usados no lidar, cotidianamente, com o "continuum" no mundo apontam para o entrecruzamento entre o processo da difusão e o processo da inovação ocorridos nas interações socioculturais dos povos. É deste lugar que este trabalho fala e é nele que pode produzir sentido(s). Assim, marcar alguns pontos essenciais da Pré-história europeia, presentes na região da Grécia, torna-se indispensável a um estudo que procura vincular-se à história, entendida como acontecimento e relato deste acontecimento e, com cuidado, acompanhar a emergência das técnicas inovadoras e sua função nos bandos e/ou grupos "primitivos". Por isso a cronologia será aqui apenas auxiliar na identificação desses tempos remotos, por serem do conhecimento de todos os acontecimentos, e os seus desdobramentos não se restringem a um tempo isolado e datado, mas formam-se num devir.

Sem detalhar sobre os chamados hominídeos, cabe ressaltar a afirmação da arqueologia moderna de que é possível distinguir entre eles algum grupo que pode ser considerado como

* Professora do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador, Especialização em Análise do Discurso/UCSal, Membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD/UCSal.

sendo o "nosso ancestral". Controvérsias instalam-se. As primeiras marcas desse ser provêm do sul e do leste africano. No chamado Desfiladeiro de Olduvai, atual Tanzânia, foram feitas descobertas, em 1950, que provocaram e ainda provocam questionamentos sobre a origem do homem. Os fragmentos e restos encontrados nessa região, embora escassos, testemunham a existência de um ser não registrado até aquele momento e que foi chamado de "símio da África do Sul", o tão discutido *Australopithecus africanus*. A continuidade da pesquisa arqueológica vai trazer à tona a habilidade desse(s) ser(es) na fabricação e uso de ferramentas de pedra.

A arqueologia moderna chama a atenção para o esforço despendido por esses seres tão antigos para sobreviver às glaciações e mudanças climáticas e, também, com vigor, adverte contra as especulações sobre esse período cujas informações estão em contínuas transformações e dependência do esforço rigoroso dos arqueólogos e paleontólogos.

Na seqüência temporal, é possível aludir à presença do chamado *Homo habilis* ("homem hábil") e, posteriormente, do *Homo erectus* ("homem ereto"). Parece que este último tem origem na África, espalhando-se, em seguida, pela Europa e Ásia. Ferramentas pontiagudas já são aí produzidas. Trazer a África para esta discussão decorre do silenciamento imposto a esse Continente pelo saber cristalizado.

Fato extraordinário desse momento longínquo é a utilização da técnica do "machado", ferramenta de pedra de função utilitária na vida cotidiana. Mesmo considerando-se os vãos do conhecimento especializado sobre o assunto, talvez seja possível identificar por aí a instauração da habilidade da caça. Em tempos em que era difícil a busca de alimentos, a destreza para a caça torna-se indispensável à sobrevivência, evoluindo, aos poucos, até o verdadeiro "jogo da caça", prática que supõe certo princípio, ainda que embrionário, de organização. Portanto, para chegar a esse ponto, deve ter sido necessário o conhecimento dos hábitos dos animais e, mais que isto, a necessidade de passar ao outro o saber adquirido para a realização do ato de caçar, trabalho comum ao bando. Era função do mais velho, experiente, passar esta prática aos mais novos. Como teria sido feita essa transmissão? Gestos? Gritos fragmentados? Especulações não valem. Mas suposições podem ser acolhidas. Caçar exige observação, atenção, destreza, disciplina e, de forma muito peculiar, o registro da ação e a memória. Neste ponto, é crucial o tratamento dado a estas técnicas e a inserção delas no cotidiano desses seres transmutando, aos poucos, as suas vidas. Trata-se da ação efetiva da técnica. E toda tecnologia nova, até os dias atuais, ao chegar, promove um reboiço nos grupos sociais organizados.

O chamado *Homo erectus* ("homem ereto") percorre lento aprendizado para lidar com o fogo, grande técnica, evidenciada pela primeira vez na China, que pode ser considerada, antes da agricultura, a mais importante das tecnologias. Seus efeitos vão, através de milhares e centenas de anos, da mudança na alimentação, o que proporciona o uso de alimentos cozidos, ao seu uso para iluminar e aquecer as grutas habitáveis. As relações entre os habitantes das cavernas passaram por conseqüentes mudanças nesse novo cenário de calor e de luz. É possível falar aqui em distinções dentro do grupo. Havia alguns considerados mais competentes no lidar com o fogo. E estes privilegiados seres já eram envoltos, em tão priscas eras, num halo de poder e de magia. Este fato é determinante, muito posteriormente, de lendas e personagens heróicas. Por que não lembrar aqui a construção, em momento muito posterior, da grande transgressão presente no mito de Prometeu?

Por outro lado, o incremento do jogo da caça levava o grupo à exploração de novos espaços territoriais e, em seguida, à seleção do lugar mais adequado para estabelecer moradia. É grande, nesse momento, a diferença dos hominídeos para os outros mamíferos. A grande diferença se faz quando pela(s) técnica(s) há aprendizado mais orientado e, conseqüentemente, a tradição e a cultura vão tomando o lugar da herança fisiológica. Mutações inéditas, para a época,

se processam. As fêmeas do grupo não são mais escravas do "cio", o que acarreta o prodígio da não exigência de um tempo específico, "natural" para o acasalamento. Pode-se falar no prenúncio das "escolhas" entre os gêneros? Qualquer tentativa de resposta séria exige o rastreamento por uma bibliografia na área da arqueologia e da paleontologia e dos estudos atuais sobre o gênero. Os sítios arqueológicos hoje, na Grécia, como também em outros lugares, vão atrás desses rastros que podem acrescentar algum subsídio à compreensão dos efeitos da técnica na sobrevivência e evolução do homem grego. Mas não se lida com a certeza. As pesquisas interdisciplinares parecem supor que a vida do *Homo erectus* tem mais semelhança com a dos humanos do que a dos "pré-humanos". Acresce o fato de que o *Homo erectus* produziu ferramentas de diferentes tipos em locais diversos, construiu abrigos, explorou o fogo e estabeleceu a divisão do trabalho, o que será desenvolvido, em seguida, neste estudo.

É muito grande o período de tempo explorado pelo chamado *Homo erectus*. Diferentes espécies de homínídeos devem ter explorado a terra, com sobreposições de diferentes gerações, o que delinea um quadro complexo que merece ser tratado com rigoroso cuidado.

Pode-se, talvez, dizer que é com a descoberta, na Europa, de dois crânios, de aproximadamente 250 mil anos de idade, que tem início a História. Esses crânios eram diferentes do crânio do *Homo erectus* e não se pareciam com o do homem moderno. No entanto confirmam a sua existência. Sobrevém a Idade do Gelo, não deixando resquícios de outros homínídeos. Só muito depois surgem os fósseis que representam os primeiros traços da espécie designada como *sapiens*. Trata-se do *Homo sapiens neanderthalensis*, nome que se explica pela existência de um crânio encontrado no vale de Neandertal, na Alemanha. Descobertas semelhantes ocorreram na França, Iugoslávia e África do Sul. O homem de Neandertal caracterizava-se pelo maior volume craniano. Vivia em cavernas e sabia proteger-se do frio. O *Homo neanderthalensis* diverge bastante dos homínídeos anteriores. Uma das suas marcas diferenciadoras está na prática de enterrar os mortos. Os trabalhos modernos de escavação mostram que esta prática era feita com esmeroso cuidado. Teriam início aí singelos traços de rituais? É uma hipótese que merece atenção.

Por volta de 50.000 anos a.C., foram encontrados seres, no Próximo Oriente e nos Bálcãs, cujos crânios eram bem diferentes dos citados anteriormente. Era o chamado *Homo sapiens sapiens* ("o homem que sabe que sabe") que, em seguida, se estabelece no oeste da Europa, onde tem sido designado pela tradição como Homem de Cro-Magnon. Pelas pesquisas da arqueologia, este ser era alto, de ombros retos e com grande capacidade craniana. Os restos encontrados também apontam para a existência de algum ritual de sepultamento.

A técnica utilizada por uma comunidade, num dado momento, torna viável a emergência de um modelo sócio-cultural. A inovação da agricultura, por exemplo, na transição do Paleolítico para o Neolítico, determinou grandes mutações ambientais na Europa, incluindo a região mediterrânea correspondente à Grécia, que tem conhecimento da agricultura, aproximadamente, em 7000–6000 a.C.

O ponto central deste trabalho, nesse momento da pesquisa é, vale insistir, evidenciar o quanto as tecnologias modelam e remodelam os grupos, as comunidades e as sociedades, construindo os seus repertórios através de dispositivos distintos que, no entrecruzamento com o imaginário popular, consubstanciam, gradualmente, as práticas, o pensamento e os objetivos de um povo. Assim, aconteceu também na região chamada Grécia.

As chamadas Idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro são classificações que só fazem sentido a partir da associação a um tipo de técnica que dê conta das transformações sócio-culturais de uma comunidade. E é assim que elas, talvez, possam tornar perceptível a construção do real histórico, como tem visibilidade na Grécia.

Apesar do conforto proporcionado pela repetição do termo Idade da Pedra, cabe atentar para possíveis imprecisões e equívocos. A expressão marca a matéria-prima trabalhada naquele momento para produzir inovações técnicas. Cumpre ressaltar o fato de que o termo Paleolítico (Pedra Velha) cobre um período muito extenso que compreende a maior parte da Pré-História.

Anterior ao aparecimento da escrita, o período designado como Pré-história torna-se ainda desafiante pela escassez de material para análise. Felizmente, nas últimas décadas, a Arqueologia deu um salto qualitativo na pesquisa de restos de ferramentas e utensílios do cotidiano.

A divisão da Pré-história em etapas com as suas respectivas subdivisões, como Paleolítico inferior, Mesolítico e Paleolítico superior, baseia-se numa visão evolucionista do processo histórico que adere à perspectiva de que o humano passou por etapas sucessivas e necessárias à sua evolução. Contudo a Modernidade aponta, com veemência, para a grande diversidade cultural entre os diversos grupos humanos que povoaram a terra. Cada grupo se organizaria de uma maneira no seu estar no mundo. Assim, a sucessividade, tradicionalmente respeitada, é posta em questão. Caminhos plurais são tomados pelos grupos e comunidades tribais para as soluções necessárias às dificuldades cotidianas.

A referência específica feita ao Paleolítico, na Grécia, torna-se nodal por ser uma das vias de acesso às condições materiais e sociais do processo evolutivo posterior e meio essencial para a compreensão da história grega no contexto da Europa e, mais especificamente, na região do Mediterrâneo por atrelar os acontecimentos e transformações desse período às técnicas emergentes.

O final do Paleolítico está situado por volta de dez a doze mil anos atrás. Nesse tempo, esses primeiros seres humanos deambulavam à busca de alimentos. A caça, a pesca e a coleta de plantas e frutas eram as suas atividades básicas.

Os primeiros habitantes da região, que hoje é a Grécia, teriam vindo, como foi referido anteriormente, do Continente africano. E os tipos de seres humanos ou quase humanos do período Paleolítico chegaram à Grécia através da Macedônia, alcançando ao sul, o Peloponeso. Os caçadores-recolectores preferiram a planície da Tessália, ao norte, pela fartura da água. Na última fase do Paleolítico, povos do "tipo moderno" começam a migrar da África para o Peloponeso, tomando o lugar das antigas populações, inclusive do já citado Homem de Neanderthal. Essa nova população explica a presença nas colinas dos antigos habitantes.

Mas cumpre salientar que as escavações arqueológicas de sítios pré-históricos já apontam, no seu trabalho de reconstrução, a diferença entre o *modus vivendi*, no tempo dos caçadores-recolectores do Paleolítico, e os modelos de vida posteriores dos gregos.

Pesquisadores, estudiosos e helenistas consideram temeroso equívoco nomear como gregos, propriamente ditos, no mesmo sentido com que o termo é usado nos tempos históricos, os habitantes da região pré-histórica reconhecida posteriormente como Grécia. E isto não só porque ainda falta uma identificação rigorosa e definida dos diferentes grupos étnicos da Europa pré-histórica, mas, principalmente, pelas novas noções de identidade transmudadas e abaladas pelo efeito da(s) desconstrução(ões). O que parece poder-se dizer é que, no Paleolítico, os habitantes da atual Grécia constituíam um subgrupo da população da Europa pré-histórica. Isto é relevante porque dá visibilidade ao tipo de vida desses seres que viviam em bandos, caçavam e também realizavam a partilha dos alimentos recolhidos, como os outros seres pré-históricos.

Pode-se, talvez, aqui fazer uma referência específica à questão do gênero. O homem caçava, as mulheres e as crianças buscavam comestíveis. Gerar filhos saudáveis era indispensável à sobrevivência, à produção. Seria irresponsabilidade intelectual fazer afirmações

absolutas sobre esse período. Contudo, no rastro de T. R. Martin (1998, p.25), é possível pontuar algumas marcas significantes como, por exemplo, a hipótese da inexistência de um estatuto rigoroso do poder baseado, exclusivamente, no gênero, naquele momento. Parece até possível aludir à tentativa, entre os membros do grupo, de uma vida mais ou menos igualitária. Supõe-se, no entanto, entre os antigos caçadores-recolectores, a existência de um estatuto social de maior valia para o idoso, mérito da sua transmissão do saber aos mais novos. Esta época muito remota já possuía, pois, certa organização e controle social incipientes. Aliás, o silêncio dos cemitérios quase sempre traz o aparente paradoxo da eloqüência e, assim, a presença de armas e objetos de adorno em algumas campas do Paleolítico sugerem o gradual e lento reconhecimento de certas diferenças sociais entre os indivíduos. Ou melhor, já em épocas tão longínquas, o lugar ocupado na comunidade e a posse de bens levavam o seu lacre até os túmulos. Fica esclarecido, então, que alguns grupos paleolíticos, no correr do tempo, não perseguiram os princípios igualitários iniciais, mas, ao contrário, constituíram uma organização hierárquica distintiva em que os mais ricos e/ou poderosos auferiam maior respeito. Esta característica de diferenciação social marca, muito posteriormente, a sociedade grega dos tempos históricos.

Também o interesse pelo comércio, a interação com povos distantes, a atração por objetos que parecem de adorno são próprios do chamado Paleolítico superior e constituem, posteriormente, um traço marcante dos gregos, salientando-se, aqui, as incursões gregas pelo Mediterrâneo. Revisitar o modo de vida do chamado Paleolítico superior e do chamado Neolítico é abrir uma fenda fértil para a compreensão de algumas práticas posteriores dos gregos, nos seus próprios desenvolvimentos.

Por esses priscos tempos, parece já existir certo sentimento religioso relacionado com a morte. O trabalho dos arqueólogos muito tem ajudado nesse aspecto. Cabe aqui uma menção especial ao ato do sepultamento pelo toque cuidadoso da maquiagem que o morto portava. E, assim, na face do humano, já se marcava a solenidade da morte. Segundo T. R. Martin (1998, p.27), as pinturas descobertas, em cavernas espanholas e francesas, remontam a este antigo período. Pode-se pesquisar aqui boa parte da construção mítica do mistério da morte, do temor religioso e, talvez, localizar uma pista significativa para a explicação da prática grega posterior, bem como de outras religiões mediterrâneas, do grande ritual público no ato sacrificial de animais de grande porte. Valeria acompanhar a evolução do tratamento dado à morte nas diferentes culturas antigas e a construção do(s) seu(s) sentido(s) no passado e no presente, sem perder de vista duas diretivas cruciais: primeiro, que não se trata do sentido da morte em si mesma, mas do estabelecimento de uma relação com; segundo, que trata das tecnologias que circundam o ato do sepultamento desde a Pré-história até os dias atuais. A Grécia vai depurar esse(s) ato(s) ritual(is) por todo o seu período histórico.

Seguindo os passos das técnicas, cabe agora marcar o Período da Pedra Nova, o chamado Neolítico, com a agricultura e a domesticação de animais, inovações também tributárias do Próximo Oriente e responsáveis por substantivas transformações nas comunidades, como o comprovam as escavações feitas na área da gruta de Franchthi, na Grécia. Nesse antiquíssimo tempo, cerca de vinte mil anos, aparecem pela primeira vez, na área da costa sudeste da Grécia, aqueles caçadores-recolectores que serão afetados pela extraordinária ação do exercício agrícola. Foi um processo lento e longo de adaptação dos aprendizes no cultivo da terra às novas condições de existência. Os hábitos alimentares são alterados, em virtude de mudanças climáticas, e se faz necessária a busca de plantas selvagens. É aí que se pode surpreender alguma coisa sobre o aprendizado dessa técnica revolucionária que passando, como já foi sinalizado, do Próximo Oriente para a Europa, chega à Grécia cerca de 7000 a.C.: a agricultura. A dura experiência do replantar para a produção de outra colheita se fez presente de modo gradual e lento. Este assunto promove ainda hoje muita discussão. Mas vale ter presente aí o tráfego das

mercadorias pelo Mediterrâneo, eixo significativo na organização econômica e cultural do mundo antigo que vai estar atuante na Pré-história e na história da Grécia desde a passagem das sementes de trigo e cevada ao trânsito das novas formas técnicas e, de modo assaz singular, às "estórias", "lendas" e "fábulas" narradas por mercadores e marinheiros. A travessia desses relatos pelo Mediterrâneo vai ter na Grécia, muito posteriormente, desdobramentos especiais que serão constitutivos da sua paidéia (παιδεία).

Atentando para a agricultura, cabe dar relevância ao trabalho das mulheres e à sua capacidade de criar ferramentas e técnicas para tratar a terra e cultivar as plantas, pois, nesse período transitório, os homens dedicavam-se mais à caça.

A agricultura e a domesticação de animais levam a comunidade a se fixar num território, fato inaugural ocorrido, aproximadamente, por 8500 anos a.C. no Próximo Oriente e que chega à Grécia cerca de 7000/5000 a.C. Surgem aldeias neolíticas na Macedônia e na Grécia. Ocorrem grandes alterações climáticas, novas práticas e aumento da população. Emerge, assim, novo modelo de vida em conjunção com as novas técnicas. Um extraordinário exemplo, citado por T. R. Martin (1998, p.31), é o sítio arqueológico situado na Anatólia, atual Turquia, onde a comunidade sobrevivia do cultivo de vegetais e da caça (6000 a.C.), num modelo de vida "comparável às comunidades gregas do chamado Neolítico". Formavam-se, na Anatólia, artesãos especializados, que fabricavam potes e ferramentas com madeira, pele e ossos, mas também conseguiam desenvolver novas habilidades experienciando com metais como o chumbo e o cobre. Também é neste sítio arqueológico da Anatólia, conhecido pelo nome de Çatal Hüyük (Chatal Huiuk), origem turca, que os arqueólogos encontraram os mais antigos fragmentos de tecidos, o que implica a especialização na tecelagem.

O Mediterrâneo abre a possibilidade de um comércio ativo entre os aldeões de Çatal Hüyük e os mercadores que transportavam conchas e pedras especiais. É, portanto, expressiva a semelhança entre o possível modo de vida dessa região da Anatólia e as inovações, hábitos e técnicas das comunidades gregas do chamado Neolítico.

Com a especialização do trabalho, surge uma hierarquia social e política correspondente à necessidade de dar ordem ao comércio, às trocas de alimentos e de produtos diversos. Esse momento guarda o timbre de certa autoridade dos dirigentes que parecia indispensável à manutenção da paz entre os grupos. As ressonâncias dessa nova ordem transparecem nas relações sociais. É, então, possível distinguir os bem sucedidos dos mal afortunados. E torna-se importante marcar que o final do "Neolítico" já não mantém as comunidades "igualitárias" dos tempos anteriores, incluindo aí, principalmente, as relações de gênero. Cerca de 4000 a.C., a técnica do arado puxado por animais para semear a terra contribui para que os homens exerçam uma função que pertencia antes às mulheres. Por outro lado, à frente de grandes rebanhos, os homens se afastavam para buscar melhores pastagens, deixando às mulheres a responsabilidade do cuidado dos filhos. Cabia-lhes sempre o procriar e criar mais filhos para as tarefas agrícolas. Isto fazia parte do modo de produção da comunidade naquele momento pré-histórico. Transformar o leite em queijo, fiar e tecer para produzir o vestuário também eram atividades da responsabilidade da mulher. Parece que já nesse tempo às tarefas dos homens era atribuída maior qualificação. O final do período da Pedra Nova aumenta a desigualdade entre os gêneros. Este posicionamento se torna elemento constitutivo fundamental da cultura grega mesmo no período histórico, num momento em que as mulheres das sociedades mediterrânicas não compartilhavam política nem legalmente com os homens.

A continuidade da pesquisa arqueológica sobre esse período, tão fértil em técnicas, comprova a urgência de distinguir e apontar na Grécia as marcas desses remotos tempos.

As análises modernas, através dos seus requintes tecnológicos têm problematizado a questão relativa às grandes inovações ocorridas, principalmente, no final do chamado Neolítico. No tangente à região da Grécia, como também à Europa como um todo, esta temática se agudiza entre os partidários da chamada Teoria da difusão e os que aderem à chamada Teoria da inovação. Esta, fundamentada em depuradas análises, a partir do carbono residual em madeira, ossos e peles, assume a perspectiva de que as grandes alterações técnicas e as novas práticas ocorridas na Europa pré-histórica se constituiriam pelo processo de inovação; enquanto aquela prioriza as relações com o Próximo Oriente, a interação entre mercadores, agricultores, pastores e trabalhadores e as tecnologias existentes, em tempo anterior, no Egito e na Mesopotâmia.

A partir de 1960, a pesquisa se apura mais ainda, e as análises com o carbono radioativo afirmam a existência, na costa europeia, de túmulos construídos antes das pirâmides do Egito. Segundo a datação pelo carbono radioativo, também a metalurgia do cobre se desenvolveu na Europa, independente do Próximo Oriente. E, ainda, segundo esta datação, a chamada Idade do Bronze começa mais ou menos no mesmo tempo no Próximo Oriente e na Europa.

Emerge a tensão. Teorias se confrontam. Novos conhecimentos referentes à datação das mudanças, em diferentes áreas geográficas, desestabilizam antigas asserções, valores e crenças. Está exposto o problema: qual(is) a(s) influência(s) tecno-cultural(is) do Próximo Oriente na Europa e, mais especificamente, na Grécia? Como receberam os habitantes da Europa pré-histórica e, especificamente, os habitantes da região chamada Grécia, as técnicas da Mesopotâmia ou do Egito? Não as receberam? Receberam de forma diversa do que tem sido contado? Como foi construído este discurso? Onde podem estar os equívocos? Em que contextos sócio-históricos e culturais emergem as formações discursivas sobre a Grécia Pré-histórica, Antiga e Moderna? Quais os critérios estabelecidos para as classificações e categorizações da religião, da arte e da retórica gregas tão faladas e citadas?

Este trabalho opta pelo entrecruzamento da Teoria da difusão com a Teoria da inovação. E isto porque não só parece ser o caminho mais viável para discutir a forte impregnação da cultura oriental na Grécia, afastando, assim, a exclusividade de um olhar eurocêntrico, como também porque possibilita dar conta do que pode ser considerado genuíno e inovador na própria Grécia.

Refletir a identidade grega como uma grande construção atravessada pelo traço ideológico é tão premente quanto evidenciar, no rastro de McLuhan, a viabilidade de reinterpretar a História através da análise rigorosa das suas tecnologias.

REFERÊNCIA

MARTIN, Thomas R. *Breve história da Grécia clássica, da pré-história à época helenística*. Tradução de Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1998.